

TRABALHADORES

A palavra "Paraná" está tão ligada à idéia de "pinho" que alguns leitores de outros Estados já me perguntaram porque, nestas minhas notas de uma viagem apressada, ainda não fiz nenhuma referência aos pinheirais. É preciso explicar que o norte do Paraná é uma zona de matas tropicais e subtropicais; a madeira que vemos constantemente em grandes toras junto às serrarias, é a peroba.

Se a mata, especialmente na beira dos rios, lembra qualquer outra de São Paulo, Minas ou Espírito Santo, o homem da roça não é mais aquele típico sujeito de chapéu de palha e pé no chão. O "arigó" logo depois de chegado eleva seu padrão de vida, compra chapéu de feltro e bota de couro, e depois de duas semanas se dá ao luxo de bota-sanfona.

Nem todos enriquecem; a opulência dos novos ricos tem sempre o contraste da tristeza dos derrotados. Calçado, porém, e mais bem vestido, ele já não mora na choça de barro, mas em casa de madeira; se ganha mais e gasta mais, pois a vida é cara, a verdade é que vive melhor e com mais higiene. Nas zonas que pertenciam à Companhia de Terras o que predomina é a pequena propriedade, e o tipo comum de cidadão é o sitiante vindo do assalariado agrícola, orgulhoso de sua nova posição, independente e empreendedor — com um certo sentimento de superioridade e segurança que só uma grande geada ou uma baixa de café poderia ameaçar. Mas muitos deles se transformaram em fazendeiros — e outros já vieram para aqui trazendo capital, e puderam formar grandes propriedades. Qual é a situação dos que trabalham para esses, dos colonos das fazendas de café?

As combinações variam quase de fazenda para fazenda, e a pressa de minha viagem e de minhas notas não me permite um levantamento razoável da situação do trabalhador agrícola. Aqui está um baiano vindo de Marília. Cuida de mais de 5 mil pés de café, e o fazendeiro lhe paga 2 contos por ano cada mil pés. Durante a colheita recebe 10 a 15 cruzeiros por sacco de 70 quilos de café em cereja (Um sacco tem 110 litros, e cada cafeeiro dá de 10 a 15 litros). O contrato é anual, feito em outubro, e o café é entregue em 30 de setembro. Esse fazendeiro dá meio alqueire a cada colono, para plantar mantimentos, por 5.000 pés de café que ele cuida com a família.

Aqui está um fazendeiro: me diz que paga 1.500 cruzeiros por mil covas, por ano. A porcentagem de colono na safra varia na razão inversa do tempo do contrato, que é de 4 a 6 anos. Quando precisa de um assalariado, jornaleiro, paga um mínimo de 50 cruzeiros por dia. Alguns fazendeiros permitem o plantio de milho e outros cereais entre os cafeeiros, quando pequenos; outros preferem ceder um pequeno terreno ao colono para isso, outros não cedem nada e compensam isso oferecendo diferentes vantagens ao trabalhador.

Este homem vindo de Montes Claros me diz que sua combinação atual com o patrão é esta: 2.300 cruzeiros por ano para cuidar de cada mil pés, meio alqueire para plantar mantimentos e 50 por cento da safra em 500 covas. Há colonos que, com os filhos, podem cuidar anualmente 15 a 20 mil covas. A pequena criação é outra "defesa" que ele tem. Minha impressão geral, em resumo, é que ainda hoje, apesar da valorização das terras, mas graças à valorização do café, um colono sem nenhum capital, mas ativo e com sorte ainda pode ter esperança, com alguns anos de trabalho, de se tornar proprietário de uma terra mais afastada e ficar independente. Um sitiante me disse que comprou sua terra há 3 anos a 3.500 cruzeiros o alqueire, e hoje ela vale, com cafezal, 20 mil.

Falou-se muito em comunismo no norte do Paraná, e eu gostaria de dar minha impressão de turista apressado sobre isso; mas fica para outra crônica.

29-1-52 B.

(2 Rep. Paraná)